

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
P. ULIOHILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada—Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00
ANO XIV

Melgaço 1 de Julho, de 1959

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 183

Junto à campa do amigo — Presentes todos!

Ocorreu, no inverno deste ano, o 20.º aniversário da morte do saudosíssimo Professor, Rev. Sr. Padre João Vaz. Eu fui o último dos seus alunos. Anda-me na alma uma ideia que de certo anda também na de todos os que foram seus discípulos — UMA HOMENAGEM POSTUMA.

É a gratidão que a impõe. Dita-a a saudade. Pede-a o coração.

A medida que os anos vão passando, cresce, enormemente, a minha saudade e agiganta-se mais e mais a figura simpática, terna, carinhosa e amiga do Sr. Padre João. Durante nove meses, acolheu-me em sua casa como se fora da família. E fiquei a sê-lo pela amizade. Educou-me e instruiu-me com um carinho e uma dedicação inesquecíveis. Guardarei, sempre, desse tempo, fortíssimas saudades.

Permitia-me que visitasse minha mãe aos sábados. Radiante lá ia até Castro. Regressava no domingo, à tarde, para não perder nem uma hora de aula.

Tinha nove anos. Uma tardinha, por mero capricho de criança, sem dar satisfações, retirei estrategicamente para Castro. Soube depois que sua Rev.ª, ao aproximar-se a noite, e dado que eu não aparecia ficou preocupadíssimo. Alguém me tinha visto seguir na direcção de Castro.

Então sossegou. E que, pelos vistos, já outros me tinham antecedido na proeza. Não é verdade Sr. Padre Afonso? Aquela retirada para a Peneda, lembra-se?

Na manhã seguinte, muito cedo, minha mãe, que não gostou nada da gracinha reconduziu-me à Adedela. O Sr. Padre João estava já para mandar um emissário a Castro a fim de me reconduzir. Louvou minha mãe dizendo-lhe que era mesmo assim e que eu não voltaria a fazer outra. Ao retirar minha mãe, eu fiquei à espera do merecido castigo.

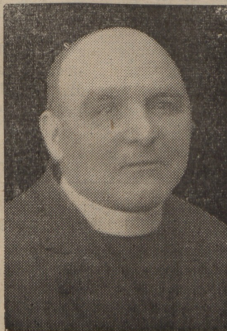
O Sr. Padre João, porém, quase me perdoou de todo. Duas canadelas no dia seguinte, quando eu, na aula, junto ao quadro negro, me atrapaihei perante uma interminável série de quebrados. Mas eu merecia muitíssimo mais.

Chegado o tempo de exames, acompanhou-me a Braga a fazer o de admissão. No fim levou-me ao Sameiro onde celebrou a Santa Missa por mim consagrando-me a Nossa Senhora. Tenho hoje a certeza certa de que dependeu desta Missa, e desta Consagração a Nossa Senhora a realização do sonho da minha vida: ser Padre.

(Continua na 3.ª página)

Presidente da República

Saudamos respeitosamente a nobre figura de S. Ex.ª o Presidente da República, Senhor Almirante Américo Tomás, que nos últimos dias do mês visitou o Norte, sendo por toda a parte alvo de carinhosas manifestações populares, entidades civis, militares e religiosas.



P. João Vaz

Conselho Municipal

Ao recurso que os vereadores da Câmara, padre Manuel Lourenço e prof. António Queirós haviam interposto contra a decisão do Conselho Municipal, que lhes havia retirado o mandato, foi negado provimento pelo Supremo Tribunal Administrativo.

Três lobos

atacaram animais, mas um deles foi morto

No lugar de Pomares, deste concelho, um corpulento lobo entrou numa corte e tentou devorar uma ovelha. O dono, sr. Francisco Rodrigues, de 54 anos, surpreendeu a feia e agarrou-a pela cauda, enquanto seu irmão, sr. Felismino Rodrigues, de 52, a matou, ficando, porém, ferido numa das mãos pelo que teve de receber tratamento no hospital.

Sociedade

Aniversários

FAZEM ANOS: — Amanhã os srs. Fernando Domingues Trancoso e João Hilário Alves Gonçalves; no dia 3 a sra. D. Maria de Lurdes Fernandes Durães e o sr. José António de Araújo Gonçalves; no dia 4 o sr. Germano Henrique Alves Carabel; no dia 5 o jovem Francisco Augusto Esteves; no dia 7 o sr. José Augusto Ribeiro Júnior; no dia 8 o sr. Armando Miguel de Carvalho (Compendente de Chaviões); no dia 9 a sra. D. Maria Julieta dos Santos Lima Lins Casas e o sr. Ricardo de Sousa Lobato; no dia 10 a menina Isabel Maria Domingues Costa; no dia 11 o rev. Justino Afonso; no dia 12 o sr. António Paulo Domingues; no dia 13 a menina Flávia Maria

(Continua na 4.ª página)

O Orfeão de Famalicão em Melgaço

No próximo dia 12, virá a esta nossa terra o Orfeão de Vila Nova de Famalicão, sob a regência do Rev. do P.e Benjamin Salgado, que tantos êxitos tem alcançado nos Teatros do país e nas emissoras. Com ele virá a Companhia de Teatro daquela Vila, também de reconhecido mérito. Será um grande acontecimento artístico em Melgaço e a afluência ao Salão Pelicano na noite de doze, há de ser das mais numerosas e distintas.

A quem devemos a perda de Olivença?

Em 18 de Junho, Leopoldo Nunes falou no grupo «Os Amigos de Olivença», e a mesa era assim constituída:

Coronel Silva Cravo, que presidiu, no impedimento do Presidente do Grupo, Prof. Doutor Ramos e Costa, que dava a direita; ao Orador, Prof. Cruz Filipe e Rodrigues Pires e a esquerda; ao Presidente da Câmara Municipal da Nazaré, Capitão Mendonça Frazão, Dr. Silva Ascenso e Alves de Azevedo, representante do «Jornal do Comércio».

O conferente principiou por recordar que a questão de Olivença já por muitos homens qualificados fora completamente esclarecida nas reuniões daquele Grupo, salientando que outra acção deverá ser realizada, para uma mais larga projecção do caso em todo o território nacional, onde o êxito estaria assegurado, por encontrar apoio fértil e forte no sentimento da nossa gente.

Entende que a propaganda dos nossos direitos à restituição de Olivença deve prosseguir com entusiasmo.

Fez uma larga análise dos acontecimentos políticos e sociais da Europa, desde o alvorecer do século XIX, para mostrar como eles tiveram influência na questão de Olivença.

Argumentou no sentido da demonstração de que são
(Continua na 3.ª página)

A generalização do contrabando

está a agravar as dificuldades do comércio e da indústria nacionais

Não resta dúvida de que o comércio lisboeta, muito em especial o de menor envergadura, atravessa, já há tempos, uma crise verdadeiramente grave. E os seus efeitos reflectem-se, como é óbvio, nos mais variados sectores sociais, nomeadamente no nível de vida geral, que sofre oscilações constantes de acordo com a penúria ou prosperidade do comércio em geral.

Uma grande percentagem dos cidadãos auferem os meios necessários à sua subsistência, desenvolvendo actividades no meio comercial. Ora, como é evidente, só é possível as entidades patronais remunerar razoavelmente os seus empregados se auferirem um mínimo de lucros também razoáveis. Infelizmente, na grande maioria dos casos, tal não sucede, e, como consequência, o nível de vida e o poder de

(Continuação da 4.ª página)

Da Vila

Junho, 27.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Vem-se procedendo à pavimentação a paralelepípedos dos arruamentos do Largo Hermenegildo Solheiro, trabalho que achamos bem feito e até de certa oportunidade. Lamentamos — é certo — que o mesmo não prossiga sem interrupção pela rua de Baixo, suas travessas, etc., etc., as quais no estado em que estão mais parecem caminhos de sertaneja povoação do que artérias duma vila que dentro dum quarto de século se vai ufanar das suas oito centenas de anos. Mas, enfim, aguardemos com paciência e resignação, pois pode muito bem ser que, dia mais dia menos, chegue a vez de remediar estas mazelas.

Entretanto, porque falamos de calçadas e calcetas, venhamos a talho de foice lembrar a quem de direito que sempre que haja de pavimentar-se qualquer artéria, embora seja mais caro, deve fazer-se o serviço a paralelos e não na chamada calçada à portuguesa. Isto por várias razões, sendo a principal a da pedra para esta modalidade provir de várias procedências, isto é: duras umas e moles outras, de modo que estas gastam-se com mais facilidade do que aquelas, resultando o pavimento em pouco tempo ficar aos altos e aos baixos, ou seja uma coisa assim parecida com as chamadas **montanhas russas**...

CRISPINO

Pelas nossas Termas—Desde do dia 1 do corrente mês que está aberta a Estância Termal do Peso, sendo já animadora a frequência de aquistas—uns em busca de repouso e lenitivo para seus achaques, e outros para retemperar forças e energias gastas na labuta do dia-a-dia dum ano de trabalho.

Oxalá a afluência de hóspedes continue a ser cada vez maior, a pontos de esgotar todos os alojamentos dos respectivos hotéis e pensões.

Santo António em Arbo, Espanha—No pretérito dia 14, domingo, realizou-se, na vizinha povoação fronteiriça de Arbo, a tradicional festa em honra do taumaturgo Santo António de Lisboa. A fronteira foi franqueada, mas os portugueses que ali se deslocaram foram poucos, porque era preciso pagar 15\$00—5\$00 para o barco e 10\$00 para o Hospital desta Vila—e o dinheiro aqui como em toda a parte, continua a andar pela hora da morte...

Exéquias—Em sufrágio da alma do seu saudoso Provedor dr. Júlio de Lourdes Outeiro Esteves, a Mesa Administradora da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço mandou realizar, na sua igreja, no passado dia 15, solenes exéquias a que assistiram algumas autoridades e bastante povo do concelho.

Melgaço valoriza-se—O nosso amigo sr. Manuel Alves (Manco) acaba de mudar o seu talho de carnes verdes da Praça da República para a rua do Rio do Porto, onde ficou primorosamente instalado na excelente moradia que aquele nosso amigo ali construiu. Bem situado, e apetrechado com todos os requisitos necessários ao ramo, o novo talho constitui mais um valor a pesar na balança do bom nome e do prestígio melgacense.

Também na Calçada, com amplas entradas para a rua deste nome e para a estrada de S. Gregório, o acreditado armazenista desta Praça sr. António Pedroso de Lima vem construindo um grande edifício para garagem e estação de serviço automóvel, o qual, uma vez concluído, preencherá uma lacuna que há bastante tempo se vem notando no nosso meio.

Pelo tribunal—Foi nomeado interinamente delegado do Procurador da República nesta comarca o sr. dr. António Pedro da Silva e Castro, a quem desejamos as maiores facilidades no desempenho da sua difícil missão.

Estrada para Fiães—Ora graças a Deus que sempre começaram, no princípio desta semana, os trabalhos para a abertura da tão desejada estrada de Cavaleiros a Fiães—a necessidade n.º 1 do bom e laborioso povo fenalense. Já era tempo...

Verbena—Em 23 do corrente e no Largo Hermenegildo Solheiro, realizou-se uma animada e concorrida verbena, abrilhantada pelo distinto acordeonista de Prado António Gonçalves Pereira (Tonecas).

Prado, 26

FERINDO A MESMA TECLA...

Estamos chegados à canícula do Estio e é sabido que — para não quebrar a tradição... — as fontes desta freguesia não deixarão de estiolar umas e deitar ao ritmo de bica de alambique outras, pelo que me ocorre perguntar:

— Acaso lá na ala oriental do Terreiro do Paço saberão que os trabalhos de abastecimento de água a esta freguesia estão adiantadíssimos, que para concluí-los falta só que dali venha o competente «tempero» e que todos aqui — excepção feita aos devotos de Baco — estamos sequiosos da preciosa linfa?... Com a azáfama de obras de fomento que por todo o País se vem tornando realidade é muito provável que não!...

Por isso, Senhores da Junta, se ainda o não fizeram, não hesitem e remetam para lá mais um memorialzinho a lembrar a coisa — sim, peçam, e peçam sem receio, porque, como muito bem diz o Evangelho, a quem pede dar-se-á.

Tem-me esquecido noticiar o regresso do Estado da Índia do nosso prezado amigo sr. Amaro Augusto Gonçalves, de Santo Amaro, que naquela parcela de Portugal esteve em missão de soberania. Regressou com excelente aspecto e boa saúde, facto que muito me apraz registar.

Também me esqueceu noticiar em minha última carta a estadia nesta do nosso particular amigo e assinante sr. Abílio Domingues, de França, que veio assistir aos derradeiros momentos de sua chorada Mãe.

Com o nome de José António, foi baptizado na paróquia igreja desta freguesia, no pretérito dia 14, um menino, filho do nosso estimado amigo sr. António Manuel da Costa e da sua consorte s.ra Margarida Calheiros da Costa, de Santo Amaro, sendo apadrinhado por Armando José da Costa e Maria Margarida da Costa.

Com sua juvenil esposa, s.ra Maria de Lourdes Domingues Nogueira, esteve nesta freguesia, com curta demora, o sr. António Rodrigues Marques Nogueira, ambos residentes em França.

— Na vizinha freguesia de S. Paio, faleceu, ontem, o

(Continua na 3.ª página)

O povo aproveita sempre as comemorações dos Santos populares do mês de Junho para, assim, divertir-se a seu modo; e, nisto não vem nenhum mal ao mundo, pois estes folguedos, se mais não alcançam, tem pelo menos o mérito de por alguns momentos fazer esquecer mágoas e infortúnios, desta vida tão penosa e atribulada.

De resto, não é a Igreja — como se tem insinuado — que vai contra estes folguedos, quando separados dos actos religiosos. Não, o mal que entre nós os enferma é outro, muito outro...

O tempo e a agricultura—O mês de Junho tem decorrido quase todo de tempo húmido e sombrio, de modo que nas vinhas, mesmo nas melhores tratadas, não é difícil deparar-se com o **mildio**.

No entanto, da nascença escapou bastante fruto e, se não surgirem outros males, pode muito bem ser que lá para o S. Miguel haja uma **pinga** razoável.

Vem-se procedendo à ceifa dos centeios, os quais denotam estar antes mais maus do que bons, mas o seu rendimento definitivo vê-lo-emos nas eiras. Os milhos, para já, estão, bons, porém muito dificultosos de sachar, tal é a quantidade de ervas más que os envolvem.

Agora, aos interessados, lembramos que em Julho podem semear: — agriões, alfices (próprias da época), betaraba para salada, cenouras, chicória, couves diversas (incluindo repolhos, couve-flor e bróculos), ervilhas (x), feijões (x), nabos (x), rabanetes (x), salsa, etc.

Sulfatar, enxofrar, sachar, mondar e regar frequentemente; enxertar de borbulha, crestar as colmeias e fazer as sementeiras de praganas.

É necessário examinar os vinhos todas as semanas, conservando as vasilhas bem cheias e batucadas e as adegas frescas e arejadas.

(x) Onde não falte água para rega.

Não há melhor amigo do que Julho com o seu trigo. (Continua na 3.ª página)

Cartas ao Director

Melgaço, 20 de Junho de 1959.

Ex.mo Senhor Director de «A Voz de Melgaço» — Braga

Solicito do V. Ex.c'ia a fineza de mandar publicar no seu jornal o presente «comunicado»:

Acho desnecessário lembrar que está em causa uma das Obras mais meritórias da nossa Terra e que o seu êxito depende, em grande parte, da acção e intensa propaganda que dela se fizer.

Com os meus cumprimentos e os antecipados agradecimentos da Santa Casa da Misericórdia me subscrevo

A bem da Nação
O Secretário, servindo do Provedor,

a) António da Ascensão
(Afenso)

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE MELGAÇO
CCOMUNICADO

Ao povo do Concelho, a todos os melgacenses espalhados pelo mundo, aos Amigos da Santa Casa da Misericórdia e a todos aqueles para quem as Obras de Misericórdia não são palavras despidas de sentido, temos a honra e o dever de comunicar que, em sua sessão de 7 do corrente, depois de conscienciosa e serenamente ponderar todas as circunstancias e as reais necessidades da Santa Casa, designadamente as do seu Hospital, e de estudar com o maior sentido das realidades os problemas presentes e futuros da assistência aos pobres e indigentes do Concelho, deliberou a Mesa da Santa Casa realizar no Outono do ano corrente, em ocasião a indicar oportunamente, a Festa de Oferendas em benefício da Santa Casa e das suas obras.

Ao dar conhecimento de tão importante resolução, alheios a mesquinhas e familiares divisões, esquecidos e desculpando possíveis agravos, com os olhos, o pensamento e o coração postos unicamente no prestígio e engrandecimento das obras da Misericórdia e na solução das suas dificuldades, lançamos um apelo fervoroso para que: — Na Imprensa e nas conversas se faça a maior propagação desta Festa; os Reverendos Párocos e Sacerdotes, no altar e no púlpito, lhe dediquem, na sublimação do seu sagrado ministério, o calor e o carinho que merece tão cristã e humanitária iniciativa;

Junto à campa do amigo

(Continuação da 1.ª página)

Nós, que tanto lhe devemos, Padres, Advogados, engenheiros, professores, funcionários e até simples operários e humildes trabalhadores vamos prestar-Lhe a homenagem que merece. Iremos todos à Adedela num dia do próximo mês de Agosto que oportunamente será comunicado depois de combinar com todos. Será celebrada Missa e cantados ofícios pelo eterno descanso da sua alma, visitaremos o seu túmulo orvalhando-o com toda a nossa saudade e adornando-o com as pétalas e flores das nossas orações. Visitaremos a velha escola em romagem de saudade, e aproveitaremos a oportunidade para uma agradável convivência.

Resta-me pedir a todos que conguem a sua adesão para Chaviães, Melgaço, onde é pároco o último dos seus alunos.

Padre Albertino.

Grandiosas festas a S. BENTO em Fiães

Vão realizar-se, este ano, solenes festividades ao glorioso S. Bento em Fiães.

O programa é eloquente, e, por isso, nos dispensamos de o explanar.

Além de Sua Ex.cia o Secretário de Estado da Agricultura, das autoridades civis vêm a Fiães à inauguração da Estrada, o Director Geral dos Serviços Florestais, e o Director da Circunscrição Florestal do Norte.

Todos a Fiães no próximo dia 11, em cuja festa pregará o conhecido orador sagrado padre Alfredo Rocha, da cidade de Barcelos.

PROGRAMA

Dei 7 a 10 de Julho: Tríduo de preparação para a grandiosa festa e para a comunhão solene das crianças.

Sermão, às 19 horas da tarde.

Dia 10: Estrondosa girândola de fogo anunciará o grande dia da festa.

Dia 11: As 8 horas, missa e comunhão solene das crianças; As 8,30 h.: Entrada no terreiro das afamadas Bandas de Vila Verde e dos Arcos de Valdevez;

As 10 horas: Inauguração solene da estrada Florestal, pelo Sr. Eng. Quartín Graça, ilustre Secretário da Agricultura. Para este acto, foram também, convidados Sua Ex.cia Rev.m o Sr. Arcebispo Primaz e Senhor Governador Civil de Viana do Castelo.

As 11,30: Missa solene, a grande instrumental, seguida de Procissão, com numerosas figuras alegóricas.

De tarde, concerto pelas duas Bandas até à hora regulamentar.

Prado, 26

(Continuação da página 2)

sr. Manuel Marques, soldado da G. F. aposentado, filho de Luisa Rosa Marques e natural desta freguesia.

A toda a família enlutada, nomeadamente a sua viúva, a suas filhas e a seus irmãos, os nossos muito amigos srs. Emídio Augusto e Neomésio do Nascimento Marques, apresento sentidos pésames. — (C).

Nota — Provavelmente, o meu prezado leitor não ficou a perceber patabina do arrazoado da «entrada» à carta desta freguesia para o último número de «A Voz de Melgaço»; mas tenha paciência que também eu — que o escrevi — não conseguí compreender muito daquela trapalhada. Ainda tentei corrigi-la neste número, mas as gralhas são tantas e de tal ordem que fazê-lo podia muito bem ser que a emenda resultasse peor que o soneto. Por isso fica assim mesmo, ad perpetuam memoriam do tipógrafo que a compôs. — (C).

Cartas ao Director

(Continuação da página 2)

o ilustrado Professorado com celiho, que nunca negou o seu apoio a todas as ideias e iniciativas generosas, vá insuflando na mente e no coração das crianças e das populações junto de quem trabalha o amor por tal empresa; as zelosas Juntas de Freguesia e Regedores do Concelho, mais uma vez, se preparem, como é seu honroso costume, para trabalharem, pelos doentes e pobres, para o seu Hospital; os ricos, os remediados e os pobres, os amigos e os indiferentes, aqueles que já lhe bateram à porta e aqueles a quem um dia pode a má fortuna obrigar a estender-lhe a sua mão, todos, mas todos! — unidos e guiados pelo mesmo pensamento, entusiasma dos pela mesma generosa ideia, numa santa emulação, se vão preparando para que a próxima Festa de Ofendias atinja um êxito completo, honrando o Povo e as tradições de Melgaço.

E desde já, oferecem o a Melgaço o triunfo de tal iniciativa, consciente de estar cumprindo o seu dever, a todos antecipadamente agradeço.

Melgaço, 14 de Junho de 1950

A MESA DA SANTA CASA

- a) António da Ascensão Afonso
- a) José Augusto Esteves
- a) João Lourenço
- a) José Martins da Costa Lobo Maia
- a) Rodolfo Fernandes

Por Paderne

MISSA DOMINICAL: — Por ainda se encontrar referido no leito o nosso bondoso Prior Rev.do P.e António Domingues Amigo, a freguesia deixou de poder ouvir e assistir à sua costumada missa dominical.

Digo a freguesia, mas não é assim, pois só parte da população é que isso lhe aconteceu, pois além da missa no nosso desmoronado CONVENTO «MONUMENTO NACIONAL» celebramo Peso o Rev.do P.e de S. Martinho às 10 horas e na capelinha de S. José em Saúde e à mesma hora o Rev.do P.e de Couso, onde hoje fomos assistir.

O mesmo Rev.do Padre quando por lá nos viu, advinhou logo que não haveria missa no Convento, e sem lhe dizermos nada informo-nos de que a ele pouco lhe custaria depois da missa de Saúde vir dizer a de Paderne (sécde). — C.

A quem devemos a perda de Olivença?

(Continuação da 1.ª página)

indiscutíveis os direitos de Portugal à reivindicação de Olivença, tanto na ordem jurídica como na ordem moral.

Apontou as principais figuras que no caso intervieram e reproduziu trechos de tratados e afirmações.

Atribuiu a perda de Olivença às invasões napoleónicas; a Carlos IV de Espanha e Maria Luísa de Parma e seu valido Manuel Godoy; a Fernando VII e Luciano Bonaparte; à fraqueza e incompetência dos nossos governos e dos seus diplomatas; à necessidade que, no momento mais próprio — o da derrocada de Napoleão — tivemos, não de salvar só uma vila, cidade ou província, mas todo o conjunto nacional. Mas especialmente sublinhou que essa perda se deve ao marechal inglês Beresford, que, após a vitória contra Napoleão entregou aos espanhóis a praça de Olivença, cuja guarnição militar era exclusivamente portuguesa; e do Duque de Wellington que, seduzido pela Espanha, em troca de novo título nobiliárquico recusou a sua intervenção, que era moralmente e juridicamente justa.

Leopoldo Nunes disse por fim: «É o espírito nacional que nos solicita, permanentemente, para a reivindicação de Olivença. Não queremos guerra nem lutas. Nenhum português deseja mal ou menospreza a gloriosa Espanha.

O nosso pregão não é de guerra, como não é de súplica. Usamos um direito indiscutível, que poderá levar anos, séculos, a ser reconhecido, mas que nenhum português esquecerá, sejam quais forem as correntes ideológicas, as reformas políticas, o rumo do Mundo. Temos um ideal. Os povos, como os indivíduos, só sobrevivem e se mantêm pela força do ideal que os anima. As conveniências, às amizades, à própria paz sem justiça, só um alto ideal pode sobrepor-se. O nosso ideal é comum a todos os portugueses: integrar Olivença na comunidade nacional.

Se vencermos o pleito, com a ajuda de Deus e dos homens de boa vontade, não haverá glória para ninguém. O que é de direito e de justiça não carece de glória para ser forte, duradouro, irresistível».

Usaram também da palavra o jornalista Gentil Marques, os Srs. Dr. Vitor Santos e Prof. Cruz Filipe que fizeram a apreciação da palestra proferida.

Por Santa Rita, 27

Está-nos a fazer muita falta a casa da mesa e também nos fazem muita falta os «quarteis». Neste ano, por exemplo, alguns devotos de Santa Rita, que tinham as suas promessas de novenas e meias novenas, sofreram bastante, para as cumprirem. Duas pessoas, uma de Pousaflores e outra de Padrenda, tiveram de ir daqui pernitoir todos os dias a Fiães. E uma Senhora de Paderne conseguiu ficar aqui numa casa de uma senhora sua conhecida.

É realmente muito sacrifício. Mas, para Deus, o que conta são os sacrifícios. Oferecer o que nada vale ou pouco a Deus, ou aos santos, Seus amigos, não está bem.

Houve quem fizesse as novenas a pão e água!

Pois bem! Nós supomos que já, no próximo ano, teremos alojamentos para osromeiros nas novas casas de Santa Rita. E até já nesta semana se começou a fazer os alicerces de um «quartel». — Pois claro que isto vai!

Temo-nos visto mal para remover aquele mole de pedra e não sabemos quando chegaremos a final. Mas também a verdade é que esta pedra tem feito muito jeito.

O muro vai quase no fim e não há dúvida de que todos são concordes em que ele foi construído com toda a segurança. Foi. Mas a última palavra terá de ser dada com o tempo. Quando se colocou a primeira pedra, o Sr. Padre Brás, de Braga, preveniu imediatamente: — e os temporais? — Que a profecia se não cumpra. Mas o muro foi feito com toda a segurança e não se regateou o dinheiro preciso para ele.

O dinheiro, esse é que está no fim e quase a acabar-se. Que pena estas coisas de Deus não se fazerem sem dinheiro! Mas é uma triste realidade e pronto. As ofertas vão quase no fim e nós temos muito que andar. Vamos contrair um empréstimo de cem mil escudos. E vamos ver até onde podemos ir. Cem mil escudos hoje não é nada, como sabem. Mas para nós, é muito.

Mas nós gostamos de que os fiéis vejam as obras e as ofertas virão depois. Nunca nos faltaram. Porque nos haviam de faltar agora?

Tem vindo muitosromeiros de fora da freguesia à

(Continua na 4.ª página)

Por Santa Rita

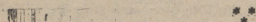
(Continuação da 3.ª página)

santa missa de domingo e não admira, pois a hora é muito própria, às 9,30.

E não queríamos terminar estas notícias, sem nos associarmos à pesada dor do nosso estimado benfeitor e amigo, Sr. António Merim e Família, da vila de Melgaço, ausentes em França, pela morte de seu estremeado pai.

Daqui acompanhamos, com a nossa dor, os bons amigos Merim, que em Le Creusot tanto honram a nossa terra e nos deram o bom exemplo de levarem para junto deles seus pais, que aqui tinham ficado. Belo exemplo o destes bons filhos!

Será celebrada uma missa por sua alma na igreja de Santa Rita e que Deus Nosso Senhor tenha junto de Si a bela alma do nosso Amigo.



Os donativos continuam a chegar. Desta vez, teve a palavra a África, com 500\$00, enviados pela nossa estimada Benfeitora, S.ra D. Maria Alves, da Barbosa. Que Deus Lhe pague, bem como a Seu Ilustre Marido e Juiz de Direito, naquela nossa provincia ultramarina.

Mais donativos: Do Sr. Manuel Inácio Pires, Queirão, 250\$00; do Sr. José Eduardo de Abreu e Ex.ma Esposa, de Várzea, Paderne, 500\$00; do nosso estimado amigo, da Costinha, Manuel Fernandes, mais 10\$00; do Sr. cabo Anibal Vieites, mais 100\$00; de uma menina dos Arcos de Valdevez, que tanto já nos tem ajudado (ao Sr. Salgado, pedimos a caridade de, por nós, lhe agradecer) mais 100\$00; do Sr. Manuel Francisco Meleiro, mais 20\$00; da S.ra Ilda de Barros, de Eiró, mais 100\$00 e da S.ra Lucrécia Augusta Lourenço, também de Eiró, mais 20\$00.

Deus seja por tudo louvado!
Há uns dez anos, isto não era assim. Até à próxima quinzena, se Deus quiser.

A generalização do contrabando

Continuação da 1.ª página

compra em geral, descem consideravelmente. O problema apresenta-se, assim, pelo menos à primeira vista, sob o aspecto de círculo vicioso. Os patrões não vendem e, portanto, não ganham. E, porque não ganham o suficiente, não podem pagar razoavelmente aos empregados que, por sua vez, não conseguindo os meios suficientes não podem comprar... Tudo, isto, porém, é aparente, visto a dedução estar viciada, por não se tomarem em conta vários factores que, pelo menos, parcialmente explicam a questão. Não há dúvida de que muita gente adquire aquilo de que mais necessita, mas não o faz, muitas vezes, nos estabelecimentos. Procura o mais barato, e não é difícil encontrá-lo. Quem não conhece uma dessas pessoas que trazem sempre uma mala de mão misteriosa, encerrando um monstruário largamente sortido das últimas novidades estrangeiras chegadas a Portugal, pelos mais diversos meios, mas invariavelmente sem passar pelas alfândegas?

Hoje em dia, cada qual — em hipótese, pelo menos... — tem o seu contrabandista, como tem o seu merceiro ou o seu padeiro...

Em chegando o fim do mês, aí estão os homens da mala em toda a parte: nos grandes escritórios, nas grandes fábricas, nas casas particulares e até nas repartições públicas! E, num ápice, desaparece a mercadoria e chovem as encomendas para o mês seguinte...

Quem é que não compra afinal sabonetes, pastas e outros artigos de uso doméstico, estrangeiros e de marcas famosas por preço inferior ao dos produtos nacionais? E as roupas de «nylon»? Que baratas e vistosas... E os rebuçados, bombons, compotas, um sem número de conservas? Estrangeiras e baratíssimas... Isto para não falar nos relógios, cigarros, «wiskies», rendas, veludos, «bibelots», isqueiros e tantos artigos que se espalham aos milhares, maismente, por toda Lisboa, arredores... e até pelas provincias. Para mais as ocasiões das visitas destes «comerciantes» são realmente bem escolhidas, pois, quem não julga poder dispor de 100 ou 200 escudos para extraordinários no fim do mês?

E nas montras e escaparates dos estabelecimentos vão ficando, a criar poeira, os produtos nacionais.

Rouças, 27

Com um forte ataque de nervos, tem estado muito doente o menino Felizberto Soares, de Loyó, filho do Sr. José Soares. Tem dado muito trabalho e desgosto a seus pais e bem assim aos seus vizinhos, que tem sido incansáveis com o doente.

Ao menino, Felizberto, que foi sempre tão educado, tão querido, desejamos prontas melhoras.

— Tudo se prepara para que a festa de Santa Maria seja o mais grandiosa possível. Já está convidada a banda de Tangil, o altofalante de Villaverde, que tanto agradou na festa de São Paio, de Nossa Senhora de Fátima. A santa missa será cantada pela capela da catedral de Orense, sendo dali também o pregador, beneficiado da mesma catedral e grande amigo de Portugal, onde tem estado muitas vezes. Damos desde já os nossos parabéns aos Srs. Gervásio e Eduardo respectivamente de Surribas e do Castelo, que tem sido incansáveis.

Também seus vizinhos, que trabalham por esse mundo além lhes não regateiam as suas ajudas.

Sociedade

Continuação da 1.ª página

Calheiros Gonçalves e o jovem Filinto Elísio Gomes Pinheiro de Almeida; no dia 14 o sr. João de Almeida (Cataluña), e no dia 15 a menina Georgina Dantas da Costa Afonso.

O contrabando, pela sua grande divulgação, constitui, assim, um* entrave importante ao desenvolvimento económico nacional.

Cada dia há mais «empresários» desta actividade ilegal, que ameaça arruinar milhares de comerciantes com todas as consequências que advém de tal facto. Será, assim, tão difícil reprimir o contrabando? Parece que não, pois é praticamente feito à descarada. Os «importadores» vão ao estrangeiro, fazem as suas compras, entregam-nas aos portadores que fazem entrar a mercadoria em Portugal, mediante a quantia de 20 por cento sobre o seu valor total. Depois os vendedores tratam de a colocar e o verdadeiro responsável vive em plena segurança. Quando é bom «patrão», limita-se a pagar a multa necessária para restituir a liberdade a um ou outro bom vendedor apanhado em flagrante. E todo o risco que a entidade responsável corre. Não se saberá quem são esses responsáveis?

É certo que a lei prescreve que só apanhado em flagrante delicto se pode ser punido por contrabando. No entanto, perante as realidades, está provado que a respectiva legislação é ineficaz.

E continuam a girar milhares de contos nessa actividade altamente prejudicial à economia portuguesa... A industria e o comércio vêem-se a braços com a concorrência desleal e os reflexos deste problema gravissimo afectam todas as camadas sociais.

Urge pôr as coisas no seu devido lugar.

Alvaredo, 27

FESTIVIDADE EM HONRA DE S. JOÃO: — Como nos anos anteriores realizou-se a festa à S. João a qual consistiu de missa solene, procissão e arrabal.

Ao púlpito subiu um distinto orador que muito agradeceu.

FALECIMENTO: — Na sua residência na Sobceita, faleceu o sempre para nós recordado Sr. Alvaro Francisco Rodrigues, viuvo de 86 anos de idade, um dos irmãos mais velhos do que foi pároco desta freguesia e saudoso Rev.do P.e Claudino Rodrigues, e a quem este bom povo tanto lhe deve.

Como o desenlace se deu na noite de 23 para 24, a festividade de S. João que se realizava mais proximidades da sua residência não teve o arrabal de costume. O funeral do sempre para nós tão querido amigo, realizou-se no dia seguinte, tendo-se nele incorporado muitas pessoas.

Paz à alma de tão bondoso amigo e bom conselheiro, e à família enlutada principalmente a seu sobrinho Cândido com quem o finado sempre viveu os melhores pêsames. — C.

De Remoães

Junho, 24

Promovida pelos dinâmicos e briosos mancebos José Barreto Alves, José Rodrigues de Abreu e Vasco

do Nascimento de Sousa Pinto, acaba de realizar-se aqui a festa do Padroeiro

— S. João Baptista, glorioso Perecursor de Cristo. Constatou ela, na véspera, de uma grandiosa procissão de velas e, no dia, missa solene, acompanhada pela «Orquestra de Monção», sermão e uma luzida procissão que percorreu o itinerário do costume.

Foi abrilhantada pela «Cámbre Sonora de Valença» e rematou com uma concorrida verbena, abrilhantada pela «Orquestra do Peso».

Estão, pois, de parabéns os briosos irmãos que constituiram a respectiva Comissão. — C.

Parada do Monte

Junho, 26

FESTIVIDADE EM HONRA DE SANTO ANTONIO DA VERANDA DO MOURIM — Foi no dia 24 que se realizou a festa em honra de S. António do Mourim. Houve missa cantada e sermão pelo Sr. P.e da Gave.

A festa foi abrilhantada pelo Altofalante de Riba do Moura, Monção, saindo no fim da missa a procissão que percorreu o itinerário do costume.

Vindo de França, chegou no dia 23 a esta freguesia o Sr. Manuel Esteves, do lugar da Trigueira.

TROVOADA — No dia 16 caiu nesta freguesia uma grande trovoadra acompanhada de granizo que muito danificou algumas vinhas e milhos. Os caminhos pareciam rios caudalosos; pois a trovoadra durou mais de uma hora. Os milhos como estavam pequenos depressa compuseram, mas os vinhedos ficaram sem concerto, todos esfarapados.

NASCIMENTOS — No dia 17 deu à luz uma criança do sexo feminino a S.ra Maria Esteves, esposa do Sr. Albino Domingues, do lugar da Aldeia Grande e no dia 21 deu à luz outra criança do sexo feminino, a Senhora Rosa Esteves, esposa do Senhor Manuel Pires, do lugar do Casal.

Mães e filhos encontram-se bem. — C.

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:

P. e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço

Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor

CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00
ANO XIV

Melgaço 15 de Julho, de 1959

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 189

A discussão do preâmbulo Constitucional

A Assembleia Nacional discutiu se devia introduzir-se no texto constitucional um preâmbulo em que fosse invocado o nome de Deus e votou contra, embora por leve maioria. O caso merece-nos uma palavra de comentário. De estranhar seria que a omitíssemos, depois de tanto se ter dito na Câmara sobre o assunto, dada a nossa particular responsabilidade.

Regista-se primeiro com satisfação e louvor que nenhum dos senhores deputados da Nação tenha negado a Deus, se tenha confessado pessoalmente ateu. Foi até repellido qualquer mal-entendido que a este respeito pudesse aparecer.

A questão, portanto, não era de ser por Deus ou contra Deus, mas da conveniência política de se introduzir o nome de Deus na lei fundamental da Nação, como já se encontra nas constituições de outros países.

Esta distinção entre o indivíduo e o político e sobretudo entre o católico e o político na mesma pessoa merece-nos porém um reparo porque de nítido sabor liberalista. Ensinou o defunto liberalismo que a religião era assunto apenas da vida privada, do foro interno, e nada tinha a ver com a posição e a actuação do indivíduo na sua vida social, profissional e política. E assistiu-se então a um deplorável espectáculo que parece não ter findado ainda. Vítimas de semelhante teoria, até crentes houve que deixaram um rasto de puro agnosticismo na vida pública, por onde passaram, e concorreram para que Deus e a sua doutrina e a sua moral fossem banidas das leis, das assembleias, das escolas, dos tribunais, de toda a vida oficial. Ora nada de menos razoável. Há uma concepção cristã, expressa, nítida, da Sociedade, do Estado, como a há da família, da propriedade, da liberdade, da justiça, como a há a respeito da presença e do culto de Deus, radicalmente diferente, por exemplo, da liberal, da socialista, da comunista, e essa o político católico não a pode ignorar em conhecimento nem esquecer em aplicação. Podia nisto servir-lhe de exemplo a atitude dos adversários. Nenhum liberal ou comunista ou maçónico o é só em casa. São-no sobretudo quando ocupam cargos públicos.

(Continua na 4.ª página)

O contrabando vai ser reprimido

O Sr. Ministro das Finanças, enviou ao diário de Lisboa «Século», a seguinte nota:

«Por motivos de ordem vária, entre os quais se conta infelizmente a colaboração do público, o contrabando recrudescer nos últimos tempos entre nós, favorecido como sempre por uma configuração geográfica vantajosa para a entrada fraudulenta de artigos estrangeiros. Atento ao problema, o Ministério das Finanças está ultimando uma série de medidas integradas num plano de conjunto. Por um lado, tem-se procedido ao reapetrechamento da Guarda Fiscal (já se gastaram cerca de dez mil contos), tratando-se agora da modernização dos meios táticos de combate, em paralelo com o que se fez, com êxito, noutros países. Por outro, está em curso a modificação da legislação com o objectivo de eliminar as facilidades de legalização das mercadorias contrabandeadas e de tornar mais pesada a responsabilidade dos participantes no contrabando. Dentro do conjunto das providências legais em exame prevê-se, inclusivamente, a possibilidade de responsabilizar os diferentes detentores das mercadorias entradas ilegalmente, até o consumidor final.»

Sociedade

Aniversários

FAZEM ANOS: — No dia 17 o sr. Acácio Caetano Dias e o jovem Manuel Joaquim Inácio; no dia 20 a sra. D. Palmira do Rosário Caldas Alves e o sr. Ramiro Pousa Mendes; no dia 21 a sra. D. Maria Madalena Nabeiro de Araújo, as meninas Antónia de Jesus Magalhães Machado Lourenço e Esmeralda da Conceição Ribeiro e o sr. Ricardo Luis Pato; no dia 22 a menina Maria Madalena da Silva Ribeiro e o sr. dr. Henrique da Rocha Fernandes Pinto; no dia 24 os srs. dr. António Augusto Duartes e Francisco de Sousa Cardoso e o jovem Ricardo da Rocha; no dia 25 a sra. D. Maria do Carmo Tábuas de Sousa; no dia 26 a sra. D. Ana Monteiro Gomes Calheiros; no dia 29 a menina Maria Fernanda Barbeito da Silva e o sr. Fernando Rodrigues Nabeiro e no dia 30 o sr. Manuel Pereira (dos Ovos) e a menina Judite Elisete Dantas da Costa Afonso.

D. ROSA RODRIGUES PEREIRA — Integrada na grandiosa excursão à Escandinávia, seguiu no pretérito dia 1 do corrente mês a Ex-ma Sra. D. Rosa Herminia Rodrigues Pereira, esposa amantíssima do nosso particular amigo, e considerado proprietário e comerciante, sr. José Maria Pereira, devendo estar de regresso a Melgaço no próximo dia 24, depois de ter visitado as principais cidades da Alemanha, Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia e França (três dias em Paris).

A sra. D. Rosa Pereira é, sem dúvida, a pessoa de Melgaço mais viajada deste século, pois com esta já é a terceira vez que percorre a Europa Ocidental.

Pena foi que os organizadores desta excursão nela não tenham incluído uma visita ao sol da meia noite, pois nesta quadra, na Lapónia Finca, o sol permanece mais de 24 horas acima do horizonte, tornando-se, por isso, visível à meia

(Continua na 2.ª página)

Engenheiro Gilberto Guerreiro Ranhada

Mediante concurso foi nomeado engenheiro da Junta Autónoma do Porto de Aveiro o sr. Gilberto Guerreiro Ranhada, filho do nosso conterrâneo e amigo sr. José Ranhada.

O Eng.º Gilberto Ranhada recebeu há pouco um prémio de 5.000\$00 da «Câmara Municipal do Porto — Engenharia Civil» a galardão o aluno de melhor aproveitamento do ano lectivo de 1956-57, pela Universidade daquela cidade.

Felicitemos o jovem engenheiro e seu Pai, pela homenagem prestada ao mérito.

Festa a S. Bento

FIÀES, 12. — Fiães é um velho convento, primeiro beneditino e depois cisterciense e que é anterior à monarquia portuguesa: segundo a tradição, do ano 850.

Ainda segundo ela, teria sido o mosteiro mais rico da Península e, depois de séculos de esplendor, conheceu o infortúnio e a desgraça.

O actual pároco, sr. P. Manuel Lourenço, meteu ombros à reconstrução da igreja, que é monumento nacional e conseguiu telefone e uma estrada nova, que pusesse a freguesia em comunicação com o exterior.

O Sr. Secretário da Agricultura prometera vir ontem inaugurar aquele melhoramento, e as autoridades haviam sido convidadas para assistir.

Impedido de nos visitar, por ter de acompanhar o Sr. Presidente da República a Vila Franca de Xira, na visita que hoje, dia 12, Sua Ex.cia o Chefe de Estado fez àquela vila, o Sr. Eng.º Quartim Graça, ilustre membro do nosso governo, comunicou, directamente por escrito, ao dig.mo pároco de Fiães, padre Manuel Lourenço, que nos visitará em data a combinar, e procederá à inauguração, que deve ser brilhante nos fastos da terra, dado que, depois da visita de D. João I e sua Esposa D. Felipa de Lencastre, não há memória de lá ir qualquer membro do governo.

Ontem era a festa do padroeiro e a romaria mais famosa das redondezas. Estava tudo a postos para a festa da inauguração, mas como se disse, esta ficou adiada, facto que foi comunicado às demais autoridades, que serão informadas da nova data, a fim de que nesta ocasião seja prestada a Sua Ex.cia o Secretário de Estado a homenagem merecida, que todos lhe devemos.

Nem por isso deixaram de subir ali milhares e milhares de pessoas, em camionetes e muitas dezenas de automóveis, que foram prestar as suas homenagens ao santo e desfrutar uma das paisagens do norte e um dos recantos mais deliciosos para o verão que conhecemos.

A festa foi precedida de tríduo pregado pelo Sr. P. Alfredo Rocha, prior de Barcelos, que também fez o sermão da festa.

De manhã, houve comunhão solene das crianças, cerimónia que foi soleníssima.

Cerca das 10 horas, entraram as bandas de Revelhe e Arcos de Valdevez, seguindo-se a missa cantada a grande instrumental, procissão e, de tarde, a romaria prolongou-se com enorme afluxo de gente que enchia por completo o terreiro e campos circunjacentes dado que o dia estava formosíssimo.

Foram avultadas as esmolas recebidas e todos lucravam os melhoramentos levados a cabo pelo dinâmico sacerdote, que em boa hora resolveu reconduzir, na medida do possível, a freguesia à piedade e ao fervor religioso, de séculos atrás, assim como reconstituiu-a materialmente, para o que aliás lhe não tem faltado o auxílio do Estado nem a assistência técnica do mesmo. — (C).

DA VILA

Julho, 11.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

É hoje que no vetusto convento cisterciense de Santa Maria de Fiães se realiza a tradicional e sempre concorrida romaria em honra do glorioso Patriarca S. Bento — uma das mais típicas romarias do concelho de Melgaço, digam os seus detractores aquilo que disserem e quiserem que não conseguem invalidar nem ofuscar as boas impressões que dela nos deixou José Augusto Vieira, nas páginas do **Minho Pitoresco**.

Ainda mal despontou o Sol e pelo movimento deromeiros que já estamos a ver demandar a calma, aprazível, castiça e pitoresca freguesia de Fiães, somos levado a crer que a festa será concorrida como nunca. E isto, a nosso ver, ou é devido às picuinhas que ultimamente, por tudo e por nada, se tem lançado contra esta festividade — com o que, valha a verdade, só a fizeram lembrar aos que perventura dela estivessem esquecidos... — ou ao muito prestigio que exorna a simpática pessoa do rev. Abade da freguesia, Sr. P.e Manuel Lourenço — um sacerdote digno, justo, piedoso, activo e compreensivo, é certo, mas fidalgo e terrivelmente detectado pelos... «triangulados». Talvez seja consequência duma e de outra coisa...

E, já que chegamos aqui, sempre queremos aproveitar o ensejo para dizer ao sr. P.e Lourenço que se fora há uns quarenta anos a esta parte — quando entre nós se pretendia acabar com a religião em duas gerações... — bem podia por a sua pele no seguro, pois os jacobinos até eram capazes de lhe atarem uma atafona ao pescoço e mergulhá-lo na Freixeira... Felizmente que agora os tempos são outros... são outros e em Portugal manda outra gente.

Ainda bem!...

Um Amigo de S. Rev.a e do

CRISPINO

Aquele caso do lobo... — O assunto já é conhecido, mas voltamos a ele para lhe tecermos um leve comentário.

Foi o caso que na madrugada do pretérito dia 27, em Pomares, um lobo famélico assaltou um curral pertencente aos irmãos Francisco e Felizmino Rodrigues, filando uma ovelha e arrastando-a para a porta. Ao ruído acorreram aqueles irmãos e o Francisco com uma enxada deu uma valente pancada na fera que logo largou a presa e tentou fugir. Tinha, porém, de transportar um muro de vedação e foi aqui que o Felizmino — ah! valente Felizmino! — com uma precisão e agilidade que causaria inveja ao mais consumado moço de forcados, à unha, lhe fez uma pega pela cauda, segurando, assim, a fera, enquanto seu irmão, à sacholada, a acabava de matar, o que não foi fácil, pois a mesma à dentada mordeu violentamente um braço ao Felizmino e um dedo ao Francisco, pelo que tiveram de receber tratamento no Hospital desta Vila.

O lobo, segundo se apurou, estava raivoso, pelo que aqueles irmãos vem fazendo o respectivo tratamento anti-rábico no referido hospital.

E agora o tal comentário: — A rigor, não se pode taxar de asneira esta prezoza, mas sim dum acto de temeridade e valentia — um acto que para estímulo bem podia e devia ser generosamente recompensado por quem de direito, a nosso ver, a Direcção Geral da Pecuária.

Comparticipação — Pelo Ministério das O. P. e proveniente do «Fundo do Desemprego» foi concedido à Câmara Municipal deste concelho a comparticipação de 9.000\$00, como reforço para a pavimentação de arruamentos desta Vila.

Mercado semanal — No mercado, realizado, nesta Vila, no passado dia 4, vendeu-se:

Milho a 11\$00, o meio decalitro; centeio a 12\$00, idem; feijão rajado a 13\$00, idem; batatas a 1\$40, o quilo; cebolas a 1\$20, idem; galos, galinhas, frangos e franguinhos, desde 27\$50, 22\$50, 14\$00 e 10\$00, cada respectivamente; ovos a 8\$50, a dúzia; ameixas de «Santa Rosa» e «japonesas» desde 2\$00 o quartelão as primeiras e 1\$50, idem, as segundas; avantajados molhos de nabicas, tenrinhas como conchelos (coucelos), a 1\$00, cada; chicharro a 2\$50 o par; sardinhas a 3\$50 a dúzia, e por 1\$00 já se comprava uma cabasada de vagens de feijão.

Vendeu-se muitíssima semente de erva-molar a 35\$00 o alqueire de 30 litros.

O mercado que hoje se havia de realizar, devido à festa de Fiães, foi antecipado para ontem, de cujos preços não inquirimos.

Verbenas — Em 28 do mês findo, realizou-se, na rua do Rio do Porto, de frente ao «Café Melgacense», uma animada verbena, concorrida por miúdos e grandes, que deorreu na melhor ordem e foi abrilhantada pela «Orquestra do Peso».

Sociedade

Alvaredo, 12

Continuação da 1.ª página

ARMANDO MALHEIRO. Vindo de França, acompanhado de sua esposa sra. D. Maria do Carmo Lopes Malheiro e gentis filhinhas menina Maria Armada e Maria Henriqueta, encontrá-se entre nós o nosso amigo sr. Armando Joaquim Alves Malheiro.

— Também logo à noite se deve realizar nesta Vila mais uma verbena parece que abrilhantada por aquela orquestra.

O tempo e agricultura — Mormente no dia 6, fez um calor tropical, a pontos de nesse dia, à sombra, o mercúrio ter ultrapassado a casa dos 40 graus!... E em consequência disto, ao cair da noite do dia seguinte, desencadeou-se sobre esta região uma trovoadas tão violenta como não temos memória, pois basta saber-se que durante cerca de meia hora os relâmpagos fuzilaram constantemente à média de cinco por minuto!!!

Foi o que se pode chamar um espectáculo belo-horrível! Contudo, por aqui não houve estragos, mas parece que no lugar do Coto do Paço, da freguesia de Parada do Monte, uma falcão danificou a casa de José Pereira, feriu sua mulher, Maria Afonso, e fulminou-lhe uma vaca e um suíno.

No dia 8, voltou a trovejar, mas sem grande violência, e, embora pouco, choveu, o que muito beneficiou a agricultura.

Um grande sarau de arte em Melgaço

Dificilmente se pode esquecer a noite de 12 do corrente, tão alta e bela foi a hora que passamos no teatro da nossa terra, enlevados pelos coros do primoroso orfeão de Vila Nova de Famalicão e pela sessão de variedades.

O teatro registou uma das suas boas enchentes, o que surpreendeu bastante, dado que era a primeira vez, supomos que ali subia um grupo coral, pelo menos, com as dimensões daquele que ouvimos. Não temos portanto público preparado para estes saraus. E no entanto o silêncio e a atenção que se verificaram durante todo o espectáculo, foram a prova de que a nossa gente aprecia a boa arte.

Fez a apresentação o Sr. P.e Albertino Pereira que foi felicíssimo, sendo de facto a sua saudação a entrega do mais lindo ramo de flores de Melgaço ao grupo orfeónico.

Algumas meninas da nossa terra ofereceram depois delicados ramos de flores ao Director Artístico do Orfeão, ao Presidente do mesmo e à menina Maria Teresa, que tão primorosamente ia cantar no acto de variedades.

O Sr. P.e Benjamim agradeceu em nome do seu orfeão, saudou a nossa terra e deu início ao sarau.

Não somos críticos de arte. Mas apreciamos a boa música. E a execução do coro teve sobretudo momentos duma delicadeza, duma ternura, dum embalo, a saber, por ex., na Senhora do Sameiro, nas barcarolas (na adaptação de Santa Lucia, como poucas vezes temos ouvido. Foi uma grande sessão! O acto de variedades, leve, bem executado, com as suas canções, as violas e demais instrumental, agradou muito. Foi muito aplaudida a menina Maria Teresa, que é defensora duma lindíssima voz, numa encantadora humildade.

Já quase no fim, o rev.do Arcipreste, a quem duas meninas de Chaviães ofereceram dois lindos ramos agradeceu a todos os que intervieram naquela grande festa de Melgaço, enaltecendo também, o trabalho, os canseiros e o entusiasmo do Sr. João Hilário Gonçalves e de sua Família e Pessoal, que foram incansáveis. Também prestou relevantes serviços o proprietário do alto-falante de Valença, Sr. Guilherme Soares, que nos forneceu energia, numa noite como aquela em que a trovoadas, certamente, nos levou a luz, por largos momentos.

Já era muito tarde, quando terminou a sessão. Mas a verdade é que nunca nos cansávamos de ouvir tão belo conjunto. Daqui enderaçamos os nossos parabéns ao orfeão de Famalicão e sobretudo ao seu regente, que todo o país conhece como um dos grandes cultores da arte, na oratória, na música e na poesia.

E agora que embaixada poderia levar Melgaço a Famalicão? — (P).

GRANDE DESASTRE NO RIO MINHO: — Cerca das cinco horas da manhã do dia 2 do corrente e perto da pesqueira «NOVA» quando tentavam ir à Espanha para trazer um pouco de peixe para consumo de suas casas, como pouco souberem nadar e pouco ou nada remar pereceram afogados no rio Minho, Carlos Manuel Ribeiro, de 24 anos de idade e seu irmão António Luís Ribeiro, de 17 anos, bem como Luís Esteves, de 18 anos, todos naturais da freguesia de Pademne, os dois primeiros do lugar da Longarinhã e o último do lugar de Estivadães.

Como também nada perceberam onde o rio dá melhor passagem a qualquer embarcação vá de se meterem num local onde havia, mais corrente, pois foi mesmo perto do local onde está situada a pesqueira.

Não seguraram a embarcação por falta de pericia e assim os inditos rapazes lá se foram até ao sitio mais perigo o que tudo havia de tragar.

Nada levavam consigo, a não ser cerca de vinte ou tal escudos que foram encontrados ainda no portamonedas do indito Carlos, bem como meio maço de cigarros e uma caixa com fósforos.

O Luís Esteves, ainda apareceu nesse dia à tarde depois de muito procurado seu do retirado do rio por rapazes desta freguesia, e depois de cumpridas as formalidades legais transportado para casa de seus chorosos Pais, dando o funeral no dia seguinte do lugar do Carvalhal onde seus pais eventualmente re-ídem, sendo muito concorrido por muitas pessoas desta freguesia e vizinhas.

O indito Carlos, apareceu no dia 5, sendo o seu funeral realizado ainda no mesmo dia. O seu acompanhamento desde o local do seu aparecimento «Barco Velho» até ao cemitério desta freguesia, foi concorridíssimo por muitas centenas de pessoas, bem como desta freguesia onde actualmente vivia no lugar do BARBEITO, mas da freguesia de Pademne donde o mesmo era natural.

O pobre António, apareceu no dia 6, sendo o seu funeral realizado nesse mesmo dia e desde o local onde seu desditoso irmão tinha aparecido, cerca de um quilómetro onde afogaram, pelo que se surge, serem os dois quando viram perto a barca se abalçarem, para assim se provar mais uma vez que eram amigos na vida.

(Continua na 3.ª página)

Chaviães, 10

Visto a nossa estrada Viso-Igreja-Cemitério, estar sujeita a receber camiões de grande tonelagem, como os que levaram as peças mais pesadas para a célebre barragem do Castelo do Bode, indispensável se torna arranjar o respectivo recinto para darem a indispensável volta. Há portanto no terminus da referida estrada área mais do que boa para esse fim e com algumas centenas de escudos, pois este local está bom de preparar e toda a qualidade de carros ali podia dar sua volta. E assim se já estivesse feito o referido recinto ter-se-iam evitados os prejuízos que passo a relatar. As vedações de alguns proprietários estão danificadas, prestes a cair ao chão. O Santuário do Senhor do Socorro, parte do seu telhado já está destruído e quase foi todo ao chão. E quem viu? A Lua e as estrelas... E porque tudo isto de dano? Por falta de cuidado pois o santuário com dois postes, um do sul e outro do norte à distância de um metro do já referido Santuário, este prejuízo que podia ser total ficava remediado. E ainda: a nossa estrada precisa de umas mãos de saibro, pois a respectiva brita já sai da respectiva caixa devido às chuvas torrenciais que tem caído.

Abastecimento de água — Comunicam-me os moradores do populoso bairro do Escuredo que estão quase impossibilitados de conseguirem levar a água de consumo para suas casas visto não terem bica para meterem aos recipientes. Escadas para lá descer não tem, de noite não podem de maneira alguma lá ir e de dia com muita dificuldade. Está esta nascente de boa água a um minuto da estrada e que também os que por esta passam em dias de canicula com certeza não podem dispensá-la.

Pois se os referidos moradores estão dispostos a coadjuvar na medida que puderem os respectivos trabalhos porque quem de direito não se resolve a instalar ali a competente bica e arranjo do caminho? O povo é preciso dirigi-lo; assim o manda Deus, Nosso Senhor. Se acaso desce ali algum turista à procura de água fresca, que irá dizer por aí além deste bom povo?

Coisas que encomodam — Foi com bastante mágoa que tive um diálogo com várias pessoas acerca da minha correspondência, a propósito de limpar os fundais e vedações para o caminho público, quanto a silvas, tojos e outras coisas que impedem o livre trânsito nestas vias.

Por uma me foi dito que não limpava mais os seus, por que não estava para de futuro dar comodidades aos outros porque poucos eram os que os limpavam e ninguém pagava multa e que limpava quem queria e a limpeza para o público era de belprazar só para quem não, tinha que fazer.

Quem de direito tome boa nota, pois quem quer agradar a todos não agrada a ninguém.

A nossa festa maior e os seus preparativos — O nosso rev. do pároco com muito e santo entusiasmo prossegue com o ensino da catequese a todas as crianças a fim de as levar todas à comunhão na festa da nossa padroeira a realizar-se em 26 do corrente, pois consta do excelente programa a referida comunhão e ainda a incorporação destas na procissão com as respectivas indumentárias. Que Deus o ajude é o que todos os paroquianos lhe desejam.

Agora meus caros amigos e admiradores: não posso informar-vos do programa da nossa festa maior porque não me enviaram, no entanto, digo-vos com certeza que vai ser uma festa digna de ser apreciada por todos quantos nos visitarem, e segundo me consta, os elementos que a vão fazer são dos melhores artistas e profissionais que há no nosso distrito e no de Braga. — (C).

Por Santa Rita, 10

Custa muito a remover aquela mole de pedra que estava no local onde se há-de construir a nova casa da mesa. Mas já estamos quase no fim. Também foi bom encontrar-se ali aquela rocha dura, pois ela fazia-nos muita falta e já ali perto.

Fizeram-se os alicerces, para as novas escadarias, mas os nossos mestres andam muito tristes. E não é para menos. E que se perdeu muito tempo com eles e não se vê obra quase nenhuma logo, que estejam encobertos. Mas que se lhe há-de fazer?!

Demos mais 10.000\$00 para pagamentos o que, com o total, já perfaz a soma de 30.000\$00. Mas vamos indo, que Deus não nos há-de faltar.

No dia 12, vai haver uma grande récita de gala em benefício de Santa Rita. Deus permita que tudo corra bem. Não há-de ser muito o que sobrá, depois de todas as des-

(Continua na 4.ª página)

Alvaredo

(Continuação da página 2)

da e assim o foram já morte.

Sendo estes três rapazes tão desviados do rio Minho, pois moravam a cerca de 4 quilómetros do mesmo, como o destino os traria, para assim mais uma vez se poder dizer que ao mesmo tempo não pode fugir?

Qualquer deles era muito raro encontrá-los cá por baixo, pois os dois primeiros embora tivessem a profissão de mineiros, todos três eram trabalhadores da lavoura grangeada terras dos seus e algumas de fora.

Eram todos três uns excelentes moços, educados, respeitadores e honestos, fazendo recordar os tempos em que nós nos criamos, nunca ninguém os via cá por baixo a não ser aos domingos.

Tudo isto bem foi provar de nos seus funerais, pois não havia olhos de que não breita nem abundantes lágrimas.

Paz às suas almas e às famílias enlutadas os nossos sinceros pêsames.

Por Paderne

AFOGADOS NO RIO MINHO — Foi com pesar que no dia 2 se soube aqui de que na freguesia de Alvaredo tinha havido um desastre no rio Minho em que o mesmo tinha tragado, os dois são tão queridos conterrâneos Carlos Manuel Ribeiro, de 24 anos e seu irmão António Luís Ribeiro, de 17 anos, filhos do no so querido amigo António Ribeiro do lugar da Louçarilha, e de Rosinda de Sousa Lobato já falecida do lugar do Barbeito, bem como Luís Esteves do lugar de Estivadas.

Como se trata de pessoas que nunca se dedicaram ao tráfico ilícito de contrabando, honestíssimas, e respeitadores, todas as pessoas que tanto os estimavam em péso se deslocaram ao local para assistir aos seus funerais, que foram muito concorridos, embora debaixo dum Sol ardentíssimo.

Paz às suas almas e às famílias enlutadas os nossos sentimentos.

VIAJANTES — Para se tratar seguiu para Caldelas no passado dia 6 a Sra. Alexandra Aúrea Esteves do lugar dos Moínhos. Que venha melhor são os votos sinceros do Corresp.

Prado, 10

CARTA PARA ALEM-TOMULO

Recentemente, ordenando o meu arquivo epistolar, deparei com uma carta do sr. Gonçalo Emilio de Portugal Marreca, escrita de Vila Nova da Cerveira poucos meses antes do seu autor falecer, a qual, entre outras coisas, diz:

«Eu já fui por diversas vezes a Melgaço. A primeira vez fui de visita ao meu saudoso amigo José Maria da Ascensão e Sousa que neste concelho foi chefe da Fazenda e daqui foi transferido para Melgaço. Pouco depois deste amigo falecer, fui aí visitar sua viúva D. Inácia, e também aí estive a quando da inauguração dos Paços do Concelho dessa Vila, haverá uns 25 anos pouco mais ou menos; desta vez, porém, não consegui haver notícias de toda esta família. Que será feito desta boa gente? Acaso não poderá o amigo informar-me?»

Embora tarde, vou procurar responder ao saudoso Amigo, o que faço com a convicção de que até ele não chegar as deficientes informações prestadas, pois tenho e sempre tive para mim que se o corpo passa por ser matéria a alma fica porque é espírito, o que equivale a dizer: **os mortos vivem...**

Eis, pois, aqui essas informações, prestadas tanto quanto os apontamentos de **O Meu Ficheiro** mo permitem fazer: **José Maria da Ascensão e Sousa**, filho de Manuel Bento da Ascensão e Sousa e de Antónia Calheiros, nasceu, em Ponte da Barca, em 16-3-1851, e ali casou com D. Inácia Beatriz Cerqueira. De chefe da Reparação de Finanças em Vila Nova da Cerveira transitou, em 30-8-1895, para Melgaço, onde exerceu igual cargo e onde faleceu em 21-5-1906. Viveu em S. Julião.

José Maria da Ascensão e Sousa, filho do precedente, perco-lhe a vista.

D. Lucinda da Glória, idem, casou em primeiras núpcias com o farmacêutico José Augusto Pires, filho de Joaquim Pires, de Chaviães, e de Ana Luísa Domingues, de Paderne, de quem enviuvou em 20-3-1913, e em segundas núpcias casou, no Porto, em 9-1-1929, com Armando de Lourdes Lourenço, filho de João Evangelista Lourenço e de Laureana de Sousa, viúvo de Gomerinda Barbeitos. Suponho que nem deste nem do primeiro matrimónio teve geração.

D. Maria Aurora, idem, nasceu, em Ponte da Barca, em 1877, casou, em Melgaço, em 17-5-1902, com o escrivão Miguel Frederico Pita de Vasconcelos, de 24 anos, filho de João Luís Pita de Vasconcelos e de sua mulher D. Maria Benta de Araújo Cunha, enviuvou em Setembro de 1928 e faleceu, em Lisboa, em 14-9-1956. Deixou os seguintes filhos, todos vivos segundo creio:

a) — **Miguel**. Casou, em Valença, em 6-9-1934, com D. Maria das Dores Maciel, filha de Armando da Costa Maciel e de D. Margarida Taipas;

b) — **João Luís**. Casou, em Melgaço, em 31-10-1939, com D. Armanda Pita Barros, filha de António Filipe de Barros. É director de Finanças no Ultramar;

c) — **D. Maria Carolina**. Casou com José Agostinho de Oliveira e reside, salvo erro, em Nova Iorque;

d) — **Maria Benta**. Casou com José Emiliano da Costa, funcionário superior da Direcção Geral dos Produtos Pecuários;

e) — **Eduardo da Ascensão**. É chefe de secção da Junta Nacional dos Produtos Pecuários; e

f) — **D. Maria José**. Casou com o dr. António Adérito da Silva Carmona, filho do falecido Presidente da República Marechal António Oscar de Fragoso Carmona e de D. Maria do Carmo Ferreira da Silva, sua esposa.

D. Raquel das Dores, filha do mesmo José Maria da Ascensão e Sousa, nasceu em 1884 e casou, também em Melgaço, em 7-10-1913, com José Maria Ferreira Gonçalves, de 45 anos, filho de José Maria Bento Gonçalves e de Maria Rosa Ferreira, natural de Bairro, Anadia. Em 1930 vivia no Porto e do seu casamento nasceram pelo menos dois filhos: — o dr. Raúl e D. Alice da Ascensão Ferreira Gonçalves.

E, para já, sobre isto, os meus apontamentos pouco adiantam, pelo que pouso por aqui.

* * *

Com curta demora, esteve na sua casa da Fieira o nosso querido Amigo, e assinante sr. Martins Lourenço, chefe aposentado da P.S.P. do Porto que não quis regressar a esta cidade sem antes me vir deixar o seu abraço amigo, gentileza que de todo o coração lhe agradeço.

— Na «Quinta da Serra» e no convívio de seus queridos avós, encontra-se a gozar merecidas férias o jovem Filinto Elísio Gomes Pinheiro de Almeida, do Porto.

— Também em gozo de merecidas férias se encontram nesta as meninas Esmeralda da Conceição Ribeiro e Ilda Alves Esteves.

(Continua na 4.ª página)

Gri.. Gri.. Gri..

AS MINHAS LAMENTAÇÕES

Apesar de o tempo correr magnifico para estar cá fora, ad ar livre, pouca vontade sinto em grilejar, e a razão é simples: vejo que todas as terras por onde tenho andado procuram engrandecer-se, ou pela criação de liceus e escolas, ou pela abertura e prolongamento de estradas, ou ainda pela electrificação das povoações rurais, e Melgaço quase pode dizer-se — dorme.

Vejo, com grande mágoa, que todas as crianças deste concelho, que queiram ir além do 2.º grau, têm de se deslocar com a mala cheia de notas para pagar a pensão durante os anos de estudo, e, assim, apenas os filhos dos capitalistas (que nem sempre são os mais inteligentes) podem conseguir instrução secundária ou superior, ficando os restantes limitados à instrução primária.

Se, em tempos foi possível a uma senhora da Barronda pôr a funcionar um colégio que, para a classe menos remediada que é a mais numerosa, tão bons resultados deu, porque não há-de pensar-se na criação, ou antes abertura dum colégio na vila, embora só habilitasse para os dois primeiros ciclos do liceu?

A ocasião julgo-a oportuna, porque, no Clero e no Professorado do concelho há elementos novos, e, por certo, muito competentes.

Quanto aos benefícios para o concelho, isso não se discute, e quanto à frequência também me parece não haver dúvidas, porque, devido ao horário das carreiras das camionetes, os alunos teriam fácil, cómodo e económico meio de transporte, podendo assim muitas mais crianças conseguir instrução mais elevada.

Mãos à obra, que os resultados facilmente podem antever-se!

GRILLO

Por Santa Rita, 10

(Continuação da 3.ª pág.)

pesas, mas é a boa vontade dos elementos do grupo, do Seu Director e dos nossos benfeitores que interessa. E é a propaganda que se faz de todas estas necessidades!

Os donativos continuam a afluir: e assim de um generoso anónimo da Serra, mais 1.000\$00; da Sr.a Angelina Vaz, S. Paio, 87\$30; do Sr. Manuel Santejo, de Riba do Mouro, 1.000 francos e mais 50\$00; da Sr.a Pureza de Jesus Lopes, de Cavaleiro Alvo, um lugar que muito nos ajuda, 50\$00; do Sr. Aníbal Meleiro, Cavaleiro Alvo, mais 1.000 francos, da Sr.a Margarida Gonçalves, de Sante, 20\$00; de um anónimo, 20\$00; do Sr. José Fernandes, Sobral, 22\$00; do Sr. Manuel José Rodrigues, Perses, França, 500\$00; da Esposa do Sr. António Fernandes, da Aldeia, mais 20\$00; do Sr. José Fernandes, guarda-florestal em Montalegre, mais 50\$00; de uma Senhora de Lamas, 10\$00; da Sr.a Amabélia de Lovió, mais 2\$50. E por hoje basta.

A todos muito e muito obrigado.

E que Santa Rita a todos multiplique mil por um. E então até à próxima quinzena, se Deus nos ajudar.

S. Paio

Realizou-se, no passado dia 28, a grandiosa festividade em honra do apóstolo Santo André, estando muito concorrida. Foi abrilhantada pela banda de Cavenca e pela Cabine Sonora Valenciana, sendo grador o sr. P.e Júlio de Barbeita.

Também, em S. Paio, teve lugar a deslumbrante festividade em honra de Nossa Senhora de Fátima. Foi a melhor festa que se fez na igreja paroquial, pois teve a abrilhantada a Banda de Cervões — Vila Verde e a Cabine Sonora do sr. Peixoto, de Portela do Vade — Vila Verde.

—Hoje, também se realizou a festa de Cavaleiro Alvo, que costuma ser muito concorrida. — C.

Parada do Monte, 10

GRANDES DANOS MATERIAIS CAUSADOS POR UMA FAISCA — No dia 7 à noite pairou nesta freguesia uma tremenda trovoadinha como nunca ninguém se recorda, nem os mais velhos. Os trovões ribombavam sem cessar. Os relâmpagos alumiamam tudo como se fosse dia. No lugar do Coto do Paço, na casa do sr. José Pereira, actualmente residente em França, e de sua esposa Maria Afonso, caiu uma faisca que destruiu a casa quase por completo, matando uma vaca e um suíno que estavam na corte. O telhado ficou destruído quase por completo.

De 2.000 telhas que tinha a casa não aproveitaram 100 telhas. O furo caiu no

Rouças, 11

Ainda não ficou totalmente pronta a volta da estrada florestal na ponte da Carpinteira, mas já nos dá uma ideia do que vai ficar. Sua Ex.cia o Sr. Secretário de Estado não pôde vir a Fiães neste dia, mas prometeu vir no fim do mês ou nos primeiros de Agosto, e para essa data é possível que tudo esteja pronto.

Deu um sucesso o achado arqueológico aqui num dos montes de Rouças e de várias partes tem vindo pedidos de interesse pelo caso. Uma das coisas achadas foi uma parte de lança antiga. E o mais curioso é que alguns já supunham tratar-se de um verdadeiro tesouro, mas fez-se tudo por menos.

No dia nove de Julho houve na igreja paroquial um baptizado de uma menina, a quem foi posto o nome de Maria Albertina, filha de José Arnaldo de Freitas e de sua esposa Isaura da Cruz Lourenço, da Cordeira. Foi padrinho o conceituado proprietário de Várzea Travesa, Castro, Sr. Abel Alves e sua filhinha, distinta aluna do Colégio, menina Albertina.

E no dia vinte e oito de Junho foi baptizado um menino, a quem foi posto o nome de José Carlos, filho de Manuel José Rodrigues e de Célia Gonçalves Penúrias, de S. Ritas. Foram padrinhos sua irmã e cunhada.

Aos neo-cristãos, uma vida cheia de bênçãos de Deus.

Tudo se prepara para que a festa de Santa Maria tenha o brilho que merece.

—Vindo da Barragem de Paradelas, chegou ontem a esta freguesia o sr. António Vaz, de Lovió, que ali é conceituado dirigente.

A discussão do preâmbulo Constitucional

(Continuação da 1.ª pág.)

Objectar-se-á que o político, mesmo quando católico, não podia deixar de ter em conta o xadrez das várias ideologias, mentalidades e até religiões existentes no País, para não magoar, porventura, a consciência de ninguém. Mas não há-de esquecer-se também que a verdade e ao erro não assiste o mesmo direito, nem a mesma consideração. O princípio de S. Agostinho — amai os homens e destrui os erros — é sempre verdadeiro e actual. Quando se respeita o erro não se respeita, prejudica-se a consciência que dele é vítima.

Mas já que tanto se insistiu no argumento vamos a ver que consciências podiam ser violentadas no caso português com a invocação constitucional do nome de Deus. Foram citados principalmente os que professam religiões diferentes da católica. Esse argumento todavia foi já várias vezes pulverizado. Protestantes, maometanos, judeus ou indus admitem a existência de Deus, pura e simplesmente, e não se lhes impunha com a proposta apresentada, sobretudo na segunda forma, nem um Deus diferente do deles, nem outro credo, religião ou culto. Se todos esses fossem consultados sobre o assunto temos a certeza de que não votariam contra.

Em opposição só poderiam estar, por isso os que negam a existência de Deus — alguns ateus teóricos, os comunistas e os maçónicos. Merecerão porém estes tanto respeito e consideração? Todos juntos, se os dados do censo oficial da população estão certos, constituem insignificante minoria e, democráticos como se afirmam, não tinham senão que curvar-se perante a majestade do número. E quanto aos comunistas e maçónicos, aliás sem existência legal, já deram provas práticas suficientes que lhes tiram qualquer direito ou razão de protesto. Onde quer que governarem, mesmo sobre povos na esmagadora maioria católicos, estes ontem e aqueles hoje, não hesitaram em ofender e oprimir a consciência alheia. E se amanhã qualquer deles viesse a governar Portugal, ver-se-ia que de nada valeu o escrúpulo da Assembleia Nacional nem para impedir o seu triunfo nem para os deter na guerra contra Deus e contra todos os que em Deus creem.

Salvo, portanto, o devido respeito pelo voto da maioria da Assembleia Nacional e mesmo pelo peso do subjectivo que nele tenha influído, não o achamos coerente nem feliz. Preferimos associar-nos ao da minoria, pois representa por certo mais fielmente o pensar e o sentir de quase todos os portugueses.

(De «Novidades»)

Prado, 10

(Continuação da 3.ª pág.)

—De visita a seu marido, seguiu para França, a sr.a Rosalina Cândida Ribeiro de Barros.

—Tive o prazer de cumprimentar aqui ao sr. Indalecio Fernandes, filho do falecido Gualdino, que de França veio tomar os ares de Remoães.

—Com boa classificação, fez exame do 3.º ano do Liceu, transitando para o ano imediato, o nosso jovem amigo Alcindo Alves Esteves, aluno do «Externato Liceal de Montão».

—E honraram-me com a sua visita o sr. Carlos Presperi Raquel, funcionário superior aposentado do Arsenal de Lisboa, e sua Ex.ma Esposa sr.a D. Luzia dos Santos Raquel. Estão a uso das nossas Aguas e como sempre hospedados no consagrado «Hotel Aguas de Melgaço» (Ranhada) a cujos serviços tecem os melhores louvores e elogios. — (C).

Menina Duartina de

Jesus Domingues

Com boa classificação,

transitou para o 5.º ano do Liceu a menina Duartina de Jesus Domingues, filha do sr. Manuel Jacuim Domingues Guarda Florestal e de sua esposa sr.a Marcelina Alves, do lugar de Pará, Paços.

— C.